

EDITORIAL

Apresentamos à comunidade acadêmica o v. 3, n. 3 da Revista Memorare, composto por dez artigos do dossiê **Mnemosine: conhecimento, arte, memória e identidade** e por mais cinco artigos que integram o número regular.

Inicialmente, apresentaremos os artigos que compõem o dossiê.

Nada mais apropriado do que homenagear aquela que é a mãe das Musas, patrona de todo conhecimento e arte.

O dossiê trata das aventuras de Mnemosine, a memória de tudo que é, foi ou será pelo Reino dos Homens.

Nossa viagem começa aos pés do Monte Parnaso, lugar escolhido para se refletir sobre as confluências entre “antropologia e administração”. Os autores, inspirados por Clio, a musa da história, resgatam a importância da inovação social (existe inovação, se esta não for social?). O humano, o antropos, sempre o humano, com suas lágrimas e anseios, no deserto do que é o público, as organizações.

Falar de disseminação do conhecimento é resgatar a “Função do Personagem”, tema escolhido por Richard e Maria Lúcia que, inspirados por Calíope, a da bela voz, retratam a importância do humano como centro de qualquer infográfico que pretenda ser educativo.

Delícia das delícias. As professoras de Gastronomia Anita e Silvana falam da cultura ilhéu, revisitando a cozinha florianopolitana, este cantinho dos Açores. É Euterpe, a musa doadora de prazeres que nos faz apreciar a boa comida, ao som de flautas mágicas.

Numa revista dedicada aos Deuses, Jung não poderia deixar de estar presente. Com base no arquétipo da Grande Mãe, Francisco e Felipe discutem a comunicação e o consumo. Quem dança com os autores é Terpsícore, aquela que rodopia como um dervixe mágico, mergulhando no inconsciente.

Se até aqui a inspiração foi trazida pelas filhas, agora é a própria Mnemosine, a mãe, quem inspira Patrícia e coautores ao nos brindarem com um artigo sobre a Memória Humana enquanto objeto de pesquisa.



A Psicologia Anômala e o Xamanismo não poderiam faltar em um dossiê que fala da ligação do Homem com o sagrado. A revisão sistemática sobre o fenômeno da precognição, por Jussara e outros, resgata o saber sobre o tema. É Polímnia, da música sacra, que se revela.

Pedimos a Charles Webb, cientista californiano, criador da técnica Cinemorphics, um artigo especial. Queríamos colocar vídeos no papel. Trata-se de um artigo para se ler – ver com um celular, usando QR code.

Moussa Boulos e Fialho trabalham a inteligência astuciosa, aquela que corresponde ao fogo roubado por Prometeu, no artigo Cultura e Identidade: a inteligência astuciosa e os mitos.

A grave e séria Melpômene, musa da tragédia, inspira “A ontologia da linguagem” de Boabquins e Todesco, que tecem paralelos entre a Engenharia do Conhecimento às questões ligadas à linguagem, desafio fascinante.

Finalmente, o delicioso “Verbi – O idioma do Caos” busca aquela linguagem universal preconizada por Lacan e produzida no Finnegans Wake de James Joyce. Vemos Erato, a musa do desejo, inspirar o artista a representar um mundo inteiro com os movimentos de seu corpo.

Que Tália, a musa da alegria possa acompanhá-los na leitura.

Francisco Antonio Pereira Fialho

(Organizador do dossiê Mnemosine: conhecimento, arte, memória e identidade)

